



CONTEXTO SOCIAL DE AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS EM MOÇAMBIQUE

Data de recebimento: 14/07/2017

Aceite: 23/08/2017

Carlito António COMPANHIA (UEM)¹

Resumo: Este artigo tem como objectivo fazer uma caracterização geral do contexto social da aquisição do português em Moçambique. Tendo como base uma amostra de 60 informantes de diferentes zonas de residência (urbana, suburbana e rural) e com recurso a um questionário sociolinguístico, o estudo procura analisar as oportunidades de uso e exposição à língua portuguesa e as atitudes dos aprendentes em relação ao uso do português e das línguas bantu, bem como as suas orientações motivacionais em relação à aprendizagem destas línguas. Os resultados deste estudo mostram que as oportunidades de uso e exposição à língua portuguesa variam em função do contexto social e que aprendentes inseridos em diferentes contextos sociais tendem a manifestar atitudes e orientações motivacionais similares respectivamente em relação ao uso do português e das línguas bantu e à aprendizagem destas línguas.

Palavras-Chave: Contexto Social. Oportunidades e de uso e exposição. Atitudes e orientações motivacionais.

Abstract: This article aims to make a general characterization of the social context of the acquisition of the Portuguese in Mozambique. Based on a sample of 60 informants from different areas of residence (urban, suburban and rural) and using a sociolinguistic survey, the study seeks to analyze the opportunities of use and exposure to the Portuguese as well as their attitudes in relation to the use of Portuguese and bantu languages as well as their motivational orientations in relation to learning Portuguese and bantu languages. The results of this study show that the opportunities of use and exposure to Portuguese language vary depending on social context and that learners in different social contexts tend to express similar attitudes and motivational orientations, respectively in relation to the use of Portuguese and the bantu languages and the learning of these languages.

Key-Words: Social Context. Opportunities of use and exposure. Attitudes and motivational orientations.

1. Introdução

As sociedades multilingues pós-coloniais, como é o caso de Moçambique, representam contextos de “língua oficial” (ELLIS, 2008, p. 295). Nelas, a língua ex-colonial funciona como oficial e é aprendida como língua materna (L1) por uma parte ínfima da população. Essa

¹ Doutor. Professor de Português, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique. email: ccompanhia@yahoo.com.br.



ecologia sociolinguística pode ter consequências do ponto de vista dos processos de aquisição de língua. Em primeiro lugar, tal como mostram os resultados da pesquisa sobre as variedades não nativas, como por exemplo o inglês, nos contextos em que estas são adquiridas, os aprendentes da língua-alvo quase nunca interagem com falantes nativos, adquirindo-as com ou para uso com outros falantes destas mesmas variedades (SRIDHAR e SRIDHAR, 1986; 1994; KACHRU e NELSON, 1996). Em segundo lugar, ressalta o facto de que os membros destas sociedades apresentam um repertório linguístico bastante complexo, sendo que muitos aprendentes continuam a usar as línguas ex-coloniais juntamente com outras línguas em vários domínios sociolinguísticos. Em terceiro lugar, existe uma variedade de factores sócio-estruturais relacionados com o estatuto das línguas auctótones e das línguas oficiais que podem ser determinantes na configuração das atitudes e das orientações motivacionais dos aprendentes em relação a estas línguas.

O presente artigo tem como objectivo central apresentar uma caracterização do contexto social – urbano, suburbano e rural – da aquisição do português em Moçambique. De um modo específico, este artigo pretende, por um lado, fornecer dados relacionados com as oportunidades de uso e exposição à língua portuguesa em contexto natural através de formas interactivas. Por outro lado, ele propõe-se a analisar dados referentes às atitudes dos aprendentes em relação ao uso do português e das línguas bantu, bem como as suas orientações motivacionais em relação à aprendizagem destas línguas.

Em primeiro lugar, apresenta-se um breve enquadramento teórico (secção 2). De seguida apresenta-se a metodologia de recolha de dados (secção 3). Depois, apresentam-se os resultados do presente estudo (secção 4). Finalmente, esboçam-se algumas conclusões decorrentes do trabalho apresentado (secção 5).

2. Enquadramento teórico

Neste artigo, a noção de contexto social refere-se ao “ambiente onde a aquisição ocorre” (ELLIS, 2008, p. 286). Na literatura, faz-se uma distinção entre contextos naturais e instrucionais. Os primeiros dizem respeito ao contacto que os aprendentes estabelecem com outros falantes numa vasta gama de situações, como, por exemplo, na comunidade, em casa, através dos meios de comunicação social, etc, enquanto os segundos encontram-se, tradicionalmente, em instituições como escolas e universidades e, cada vez mais, em ambientes assistidos por computador.



Assume-se que o contexto social pode influenciar as oportunidades de uso e exposição à língua-alvo por parte dos aprendentes de uma língua. Deste modo, pode considerar-se tais oportunidades são “socialmente mediadas” (BARKHUIZEN, 2004, p. 555). De um modo particular, os contextos naturais caracterizam-se pelas “interacções comunicativas naturais” (LIGHTBOWN e SPADA, 2006: 110), onde os aprendentes, para além de estarem expostos a uma vasta gama de estruturas gramaticais na língua-alvo, têm à sua disposição diferentes oportunidades de interagir com indivíduos que usam a língua-alvo de uma forma mais ou menos proficiente.

O contexto social também condiciona as atitudes dos aprendentes em relação a diferentes dimensões da língua e cultura-alvo. O conceito de atitude refere-se a “uma reacção em relação a um determinado objecto, inferida com base nas crenças ou opiniões do indivíduo sobre o referido objecto” (GARDNER, 1985, p. 9). As atitudes que os indivíduos manifestam em relação a um determinado objecto são adquiridas a partir das experiências de socialização, veiculadas através de diversas fontes. BROWN (1994, p. 168) considera que as atitudes desenvolvem-se a partir da infância e resultam das atitudes dos pais ou da família, do contacto com diferentes pessoas ou ainda da interacção de factores afectivos na experiência do dia-a-dia que o indivíduo vive.

As atitudes dos aprendentes de uma L2 podem manifestar-se em relação a diferentes aspectos da língua e cultura-alvo. Assume-se atitudes dos aprendentes de uma L2 estão intimamente associadas às suas orientações motivacionais (HAMERS E BLANC, 2000, p. 231). As orientações motivacionais referem-se às “razões que os aprendentes evocam para aprender uma determinada língua” (ELLIS, 2004, p. 536). Note-se que as orientações motivacionais não reflectem necessariamente a motivação dado que os aprendentes podem revelar certo tipo de orientação mas estar muito ou pouco motivados para atingir os seus objectivos na aprendizagem de L2 (ELLIS, 2004: 537; MCINTYRE, 2002: 48).

Comummente, faz-se uma distinção entre orientação integrativa e orientação instrumental. Segundo MASGORET E GARDNER (2003, p. 126), a orientação integrativa envolve um interesse expresso por parte do aprendente em aprender a L2 de forma a interagir, encontrar-se, socializar-se, fazer amigos, etc. com membros de uma outra comunidade. Por outras palavras, a orientação integrativa envolve uma predisposição afectiva interpessoal em relação ao grupo da L2, implicando uma abertura e uma completa identificação com a comunidade da língua-alvo. Por seu turno, segundo os autores, a orientação instrumental



reflecte razões de natureza prática, evocadas para a aprendizagem de L2. Está neste caso, por exemplo, a aprendizagem de língua para obtenção de emprego ou para auferição de salários mais altos, etc.

As orientações motivacionais não são necessariamente estáticas, podendo variar em função do contexto social em que a aquisição da língua ocorre (ELLIS, 2004, p. 537). De um modo geral, em contextos de ‘língua segunda’, onde os aprendentes manifestam interesse pela cultura da língua-alvo, a orientação integrativa parece ser aquela que domina as predisposições afectivas para a aprendizagem da língua. A orientação integrativa torna-se, nestes contextos, uma componente fundamental, no sentido de levar a que o aprendente opere socialmente na comunidade e se torne um dos seus membros. Pelo contrário, de acordo com DÖRNYEI (1990, p. 49), em contextos de ‘língua estrangeira’, a orientação instrumental pode ganhar proeminência, dada a ausência de um grupo da L2 saliente no ambiente do aprendente.

3. Metodologia

O questionário sociolinguístico foi o instrumento adoptado por forma a recolher dados relativos às oportunidades de uso e exposição à língua portuguesa em contexto natural e às atitudes em relação ao português e às línguas bantu, bem como as orientações motivacionais dos informantes em relação à aprendizagem destas línguas (cf. Anexo). As línguas bantu foram incluídas no questionário sociolinguístico assumindo que, num contexto multilingue, como é o caso de Moçambique, a avaliação das atitudes em relação ao português deve ter em consideração as percepções dos aprendentes em relação às línguas bantu, que constituem parte integrante do ambiente linguístico em que a aquisição do português se processa.

Para a elaboração de perguntas do questionário, optei por um questionário de tipo misto, com perguntas fechadas e com perguntas abertas. A opção por perguntas fechadas tinha em vista garantir a uniformidade das respostas, evitando respostas estranhas ou irrelevantes por parte dos informantes, que pudessem decorrer das perguntas abertas e, além disso, garantir um tratamento quantitativo dos dados.

O questionário contém 10 perguntas divididas em 2 grupos. O primeiro grupo é constituído pelas perguntas de 1 a 6 cujo objectivo era recolher evidências sobre as oportunidades de uso e exposição à língua portuguesa através da interacção social. Assim, as perguntas deste grupo visavam recolher informações sobre a(s) língua(s) de comunicação dos pais (pergunta 1), com o pai (pergunta 2), com a mãe (pergunta 3), com os irmãos (pergunta 4),



com os avós (pergunta 5) e, finalmente, com os amigos (pergunta 6). O segundo grupo, constituído pelas perguntas de 7 a 10, pretendia recolher dados sobre as atitudes dos informantes em relação ao uso do português e das línguas bantu, incluindo as suas orientações motivacionais quanto à aprendizagem do português e das línguas bantu. As atitudes dos aprendentes em relação ao uso do português e das línguas bantu foram exploradas à luz das preferências dos informantes em termos das línguas que estes usam na sua interacção social com os pais (pergunta 7), com os irmãos (pergunta 8) e com os amigos (pergunta 9). Para recolher dados relacionados com as orientações motivacionais dos informantes, foi formulada a pergunta 10 que, para além de perguntar que língua(s) é que os informantes gostariam de aprender melhor, procurava saber as razões que estes apresentam para aprender tal(is) língua(s).

O questionário foi submetido a 60 alunos da 7ª classe aprendentes do português (L1 e L2). Trata-se de informantes residentes em diferentes zonas de residência (urbana, suburbana e rural), tendo sido seleccionados 20 informantes em cada zona. O instrumento foi por mim administrado, tendo em vista não só garantir que as respostas fornecidas pelos informantes eram correctamente registadas como também reduzir tanto quanto possível os efeitos resultantes de eventuais dificuldades dos informantes em lidar com este formato de teste. Tendo em vista a caracterização do perfil dos informantes, toma-se como base as seguintes variáveis sociolinguísticas: idade, sexo, L1, local de aprendizagem do português e, finalmente, o tempo de residência na zona. Esta informação é apresentada no quadro I que se segue.

Quadro I – Perfil sociolinguístico dos informantes

Variável sociolinguística		Zona					
		Urbana		Suburbana		Rural	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Idade	≤12	19	95	12	60	6	30
	13	0	0	8	40	2	10
	14	0	0	0	0	10	50
	≥14	1	5	0	0	2	10
Sexo	Masculino	9	45	8	40	10	50
	Feminino	11	55	12	60	10	50
L1	Português	20	100	11	55	6	30
	Língua bantu	0	0	9	45	14	70
Local de aprendizagem do português	Casa	20	100	11	55	4	20
	Escola	0	0	8	40	15	75
	Casa/escola	0	0	1	5	1	5
Tempo de residência na zona	0-5 anos	5	25	3	15	2	10
	6-10 anos	4	20	6	30	10	50
	+ 10 anos	11	55	11	55	8	40



4. Apresentação dos resultados

Nesta secção, apresento os resultados do questionário sociolinguístico. Em primeiro lugar, trato os resultados referentes às respostas dos informantes sobre as oportunidades de uso e exposição à língua portuguesa em contexto natural (subsecção 4.1.). De seguida, apresento os resultados relativos às respostas sobre as atitudes dos informantes em relação ao uso do português e das línguas bantu, incluindo as suas orientações motivacionais em relação à aprendizagem destas línguas (subsecção 4.2).

4.1. Oportunidades de uso e exposição à língua portuguesa em contexto natural

Nesta subsecção, apresento os resultados sobre as oportunidades de uso e exposição à língua portuguesa em contexto natural, tendo por base as respostas dos informantes nas principais categorias de análise estabelecidas: língua de comunicação dos pais, língua de comunicação com o pai, com a mãe, com os irmãos, com os avós e com os amigos.

Os resultados referentes às respostas dos informantes sobre as línguas de comunicação dos pais são apresentados no quadro II.

Quadro II – Línguas de comunicação dos pais

Línguas de comunicação	Zona					
	Urbana		Suburbana		Rural	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Português	15	75	2	10	0	0
Português/Língua bantu	5	25	8	40	7	35
Língua bantu	0	0	10	50	13	65
Total	20	100	20	100	20	100

Tal como se pode constatar a partir da observação do quadro, na zona urbana, o português constitui a língua dominante na comunicação dos pais (75%). Na zona suburbana, há uma tendência de os pais usarem ou uma língua bantu (50%) ou alternarem o português com uma língua bantu (40%). Na zona rural, destaca-se a predominância do uso de uma língua bantu (65%).



O quadro III apresenta os resultados referentes às respostas dos informantes sobre as línguas de comunicação com os pais.

Quadro III – Línguas de comunicação com os pais

Línguas de comunicação	Interlocutor/Zona											
	Pai						Mãe					
	Urbana		Suburbana		Rural		Urbana		Suburbana		Rural	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Português	19	95	3	15	0	0	20	100	3	15	0	0
Português/Língua bantu	1	5	8	40	9	45	0	0	8	40	7	35
Língua bantu	0	0	9	45	11	55	0	0	9	45	13	65
Total	20	100	20	100	20	100	20	100	20	100	20	100

O quadro mostra que o português constitui a língua dominante na zona urbana quer se trate de língua de comunicação com o pai (95%), quer se trate de língua de comunicação com a mãe (100%). Na zona suburbana, destaca-se o facto de, na comunicação com os pais, os informantes usarem ou uma língua bantu (45%), ou alternarem o português com uma língua bantu (40%). Na zona rural, nenhum informante se comunica exclusivamente em português com os pais, predominando o uso de uma língua bantu tanto na comunicação com o pai (55%), quanto na comunicação com a mãe (65%).

Os resultados apresentados no quadro IV dizem respeito às respostas dos informantes quanto às línguas de comunicação com os irmãos.

Quadro IV – Línguas de comunicação com os irmãos

Línguas de comunicação	Zona					
	Urbana		Suburbana		Rural	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Português	20	100	3	15	0	0
Português/Língua bantu	0	0	10	50	10	50
Língua bantu	0	0	7	35	10	50
Total	20	100	20	100	20	100

Este quadro revela que o português é a língua de comunicação exclusiva na zona urbana (100%). Na zona suburbana, destaca-se o facto de metade dos informantes alternarem o português com uma língua bantu (50%). Na zona rural, verifica-se que, predominantemente, os informantes ou alternam o português com uma língua bantu (50%) ou usam uma língua bantu (50%).

O quadro V apresenta os resultados relativos às respostas dos informantes sobre as línguas de comunicação com os avós.



Quadro V – Línguas de comunicação com os avós

Línguas de comunicação	Zona					
	Urbana		Suburbana		Rural	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Português	20	100	2	10	0	0
Português/Língua bantu	0	0	7	25	2	10
Língua bantu	0	0	11	55	18	90
Total	20	100	20	100	20	100

Os resultados apresentados no quadro acima permitem verificar que o português constitui a língua de comunicação exclusiva na zona urbana (100%). Na zona suburbana, predominantemente, os informantes usam uma língua bantu na comunicação com os avós (55%). Na zona rural, verifica-se que os informantes se comunicam frequentemente numa língua bantu (90%), sendo pouco significativa a percentagem dos informantes que alternam entre o uso do português e de uma língua bantu (10%).

Os resultados disponíveis no quadro VI referem-se às respostas sobre as línguas que os informantes usam na comunicação com os amigos.

Quadro VI – Línguas de comunicação com os amigos

Línguas de comunicação	Zona					
	Urbana		Suburbana		Rural	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Português	20	100	2	10	0	0
Português/Língua bantu	0	0	11	55	10	50
Língua bantu	0	0	7	35	10	50
Total	20	100	20	100	20	100

Com base nos resultados apresentados no quadro acima, constata-se que o português constitui a língua exclusiva de comunicação na zona urbana (100%). Na zona suburbana, verifica-se que, frequentemente, os informantes alternam o português com uma língua bantu (55%). Na zona rural, destaca-se o facto de os informantes ou alternarem o português com uma língua bantu (50%) ou usarem uma língua bantu (50%).

4.2. Atitudes e orientações motivacionais

Nesta subsecção, apresento os resultados referentes às atitudes dos informantes em relação ao uso do português e das línguas bantu (4.2.1.). Em seguida, apresento os resultados referentes às orientações motivacionais dos aprendentes em relação à aprendizagem do português de das línguas bantu (4.2.2.).



4.2.1. Atitudes em relação ao português e às línguas bantu

Nesta secção, apresento as atitudes dos informantes em relação ao uso do português e das línguas bantu, tendo por base as respostas dos informantes nas principais categorias de análise estabelecidas: língua preferida na comunicação com os pais; com os irmãos, com os avós e com os amigos.

O quadro XII apresenta as respostas referentes à língua preferida pelos informantes na comunicação com os pais.

Quadro XII – Línguas preferidas na comunicação com os pais

Línguas de comunicação preferidas	Zona					
	Urbana		Suburbana		Rural	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Português	20	100	13	65	2	10
Português/Língua bantu	0	0	4	20	9	45
Língua bantu	0	0	3	15	9	45
Total	20	100	20	100	20	100

Conforme se pode constatar, na zona urbana, o português constitui a única língua preferida pelos informantes na sua comunicação com os pais (100%). Na zona suburbana, destaca-se o facto de a maior parte dos informantes preferir comunicar-se com os pais em português (65%). Na zona rural, não há diferenças relativamente às línguas em que, na sua maioria, os informantes preferem comunicar-se: (45%) tanto para o português e uma língua bantu como para língua bantu.

Os resultados referentes às línguas preferidas na comunicação com os irmãos são apresentados no quadro XIII.

Quadro XIII – Línguas preferidas na comunicação com os irmãos

Línguas de comunicação preferidas	Zona					
	Urbana		Suburbana		Rural	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Português	20	100	14	70	5	25
Português/Língua bantu	0	0	5	25	9	45
Língua bantu	0	0	1	5	6	30
Total	20	100	20	100	20	100

Estes resultados revelam que o português é a língua de comunicação preferida em todas as zonas. De um modo mais específico, verifica-se que, na zona urbana, o português constitui a única língua de comunicação preferida (100%). Na zona suburbana, a maior parte prefere



comunicar-se em português (70%), sendo insignificante a percentagem dos informantes que prefere comunicar-se numa língua bantu (5%). Na zona rural, observa-se uma tendência para os informantes preferirem comunicar em português e numa língua bantu (45%) ou só numa língua bantu (30%).

O quadro XIV apresenta as línguas de comunicação preferidas pelos informantes na comunicação com os amigos.

Quadro XIV – Línguas preferidas na comunicação com os amigos

Línguas de comunicação preferidas	Zona					
	Urbana		Suburbana		Rural	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Português	20	100	14	70	4	20
Português/Língua bantu	0	0	6	30	13	65
Língua bantu	0	0	0	0	3	15
Total	20	100	20	100	20	100

Fazendo uma leitura deste quadro, verifica-se que, na zona urbana, o português constitui a única língua preferida na comunicação dos informantes com os amigos (100%). Na zona suburbana, ressalta o facto de que a maior parte dos informantes prefere comunicar-se em português (70%), sendo que 30% dos informantes prefere comunicar-se em português e numa língua bantu. Nesta zona, nenhum informante prefere comunicar-se numa língua bantu. Na zona rural, os informantes preferem, na sua maioria, comunicar-se em português e numa língua bantu (65%), havendo casos de informantes que preferem comunicar-se em ou só português (20%) ou só numa língua bantu (15%).

4.2.2. Orientações motivacionais em relação à aprendizagem do português e das línguas bantu

Nesta subsecção, apresento os resultados referentes às orientações motivacionais dos informantes em relação à aprendizagem do português e das línguas bantu. Estas orientações foram determinadas tendo em consideração a potencial predisposição dos informantes de aprender melhor ou o português e/ou uma língua bantu, bem como as razões que os estes evocam para esse efeito.

Os resultados referentes às respostas sobre às línguas que os informantes gostariam de aprender melhor são apresentados no quadro XIV.



Quadro XIV - Línguas que os informantes gostariam de aprender melhor

Línguas que os informantes gostariam de aprender melhor	Zona					
	Urbana		Suburbana		Rural	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Português	7	35	12	60	10	50
Português/Língua Bantu	1	5	6	30	10	50
Língua Bantu	12	60	2	10	0	0
Total	20	100	20	100	20	100

Os resultados apresentados no quadro acima revelam que existem diferenças no que diz respeito às escolhas dos informantes em termos das línguas que gostariam de aprender. Na zona urbana, verifica-se que a maior parte dos informantes gostaria de aprender melhor uma língua bantu (60%). Na zona suburbana, a maior parte dos informantes manifesta o desejo de aprender melhor o português (60%). Na zona rural, regista-se um equilíbrio entre os informantes que gostariam de aprender melhor o português (50%) e o português e uma língua bantu (50%).

O quadro XVI apresenta as razões que os informantes evocam para a aprendizagem quer do português, quer das línguas bantu.²

Quadro XVI – Razões para a aprendizagem do português e das línguas bantu

Língua	Razões		Zona								Total	
			Urbana		Suburban a		Rural		Subtota l			
			Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
Português	Integrativa	Prestígio	3	60	5	26.3	2	10	10	23	10	13
		Instrumental	Comunicação	1	20	5	26.3	10	53	16	37	33
	Emprego	0	0	3	15.8	4	21	7	16			
	Sucesso escolar	1	20	5	26.3	3	16	9	21			
	Viagens	0	0	1	5.3	0	0	1	2			
	Subtotal		5	100	19	100	19	100	43	100		
LB	Instrumental	Comunicação	14	100	9	100	9	100	32	100	32	42
Total			19	25.3	28	37.3	28	37.3	75	100	75	100

² Os dados numéricos apresentados no quadro referem-se à frequência das respostas dadas pelos informantes, por zona. Importa referir que nem todos os informantes responderam à pergunta do questionário que pretendia recolher informação sobre este item.



Este quadro mostra que, em todas as zonas, os informantes manifestam o desejo de aprender melhor o português por razões de natureza integrativa (13%) e instrumental (44%). De um modo específico, em relação às razões evocadas para a aprendizagem do português, constata-se que a única razão integrativa evocada pelos informantes é o prestígio associado a esta língua, destacando-se o facto de, na zona urbana, esta razão representar 60% das respostas dos informantes. Relativamente às razões de natureza instrumental, verifica-se que, em todas as zonas, os informantes evocam razões associadas à comunicação (37%) e à importância do conhecimento do português para o sucesso escolar (21%). No primeiro caso, a zona rural destaca-se quanto à percentagem de respostas obtidas (53%) comparativamente às zonas urbana (20%) e suburbana (21%). No segundo, a maior parte das respostas ocorre na zona suburbana (26.3%). Note-se também que, para além destas razões, os informantes, particularmente os das zonas suburbana e rural, também evocam razões associadas ao emprego (16% e 21%, respectivamente), sendo que as razões associadas às viagens ocorrem unicamente na zona suburbana (5.3%). Quanto às razões que os informantes evocam para a aprendizagem das línguas bantu, constata-se que, em todas as zonas, os informantes evocam razões de natureza instrumental, associadas, essencialmente, à comunicação. Nesta categoria, constata-se que a maior parte das respostas ocorre na zona urbana.

5. Conclusões

O presente trabalho tinha como objectivo central fornecer um panorama geral do contexto social – urbano, suburbano e rural – de aquisição do português em Moçambique. Tendo como base uma amostra constituída por 60 informantes (20 em cada zona), foi elaborado um questionário sociolinguístico que tinha por objectivo captar informações relativas às oportunidades de uso e exposição à língua portuguesa em contexto natural e também sobre as suas atitudes em relação ao uso do português e das línguas bantu, incluindo as suas orientações motivacionais em relação à aprendizagem destas línguas.

Os resultados da análise de dados mostram que as oportunidades de uso e exposição à língua portuguesa variam em função do contexto social em que os aprendentes se encontram inseridos. Conforme se viu, o aspecto mais saliente diz respeito ao facto de, na zona urbana, o português constituir a única língua de comunicação. Na zona suburbana, verifica-se uma tendência dos informantes em alternar entre o uso do português e de uma língua bantu,



enquanto, na zona rural, constata-se que os informantes usam, na sua maioria, uma língua bantu. Para além disso, os resultados mostram que aprendentes inseridos em diferentes contextos sociais tendem a manifestar atitudes e orientações motivacionais similares respectivamente em relação ao uso do português e das línguas bantu e à aprendizagem destas línguas. Tal como se viu, em primeiro lugar, as preferências dos informantes em termos de línguas de comunicação não diferem da zona urbana para a suburbana, onde os informantes preferem, na sua maioria, comunicar-se em português. Neste aspecto, a zona rural distingue-se destas últimas pelo facto de que os informantes, na sua maior parte, preferem comunicar-se em português e numa língua bantu. Em segundo lugar, a zona urbana se distingue no que diz respeito às escolhas dos informantes em termos das línguas que gostariam de aprender melhor. Nela, a maior parte dos informantes manifesta o desejo de aprender uma língua bantu por razões instrumentais relacionadas com a comunicação. Quanto às zonas suburbana e rural, a maior parte dos informantes manifesta o desejo de aprender melhor o português por razões integrativas associadas ao prestígio desta língua e por razões instrumentais relacionadas com o acesso a emprego, à comunicação e a importância do português para o sucesso escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARKHUIZEN, G. Social influences on language learning. In: DAVIES, A. (eds.) **The handbook of applied linguistics**. Oxford: Blackwell, 2004. p. 553-575.

BROWN, D. **Principles of language learning and teaching**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall Regents, 1994.

ELLIS, R. **The study of second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

ELLIS, R. Individual differences in second language. In: DAVIES, A. (eds.) **The handbook of applied linguistics** (pp. 525-551). Oxford: Blackwell, 2004. p. 525-551.

DÖRNYEI, Z. **Conceptualizing motivation in foreign-language learning**. *Language Learning*, vol. 40, n. 1, p. 45-78, 1990.



GARDNER, R. **Social psychology and second language learning: the role of attitudes and motivation.** London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HARMERS, J. e BLANC, M. **Bilinguality and bilingualism.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HYLTENSTAM, K. e STROUD, C. O conceito de língua segunda num contexto africano: implicações para a pesquisa e teoria sobre a aquisição de língua segunda. In: STROUD, C. e TUZINE, A. (Orgs.) **Uso de línguas africanas no ensino: problemas e perspectivas.** Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, 1998. p. 219-245.

KACHRU, B. e NELSON, C. World englishes. In: MCKAY, L.C e HORNBERGER, N.H. (eds.) **Sociolinguistics and language teaching.** Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 71-102.

LIGHTBOWN, P. e SPADA, N. (2006) **How languages are learned.** Oxford: Oxford University Press, 2000.

SRIDHAR, K. e SRIDHAR, S. (1994) Indigenized englishes as second languages: towards a functional theory of second language acquisition in multilingual contexts. In: AGNIHOTRI, R.K. e KHANNA, A.L. (Orgs.) **Second Language Acquisition: Socio-Cultural and Linguistic Aspects of English in India.** Nova Deli/Thousand Oaks/Londres: Sage Publications, 1994. p. 41-63.

SRIHDHAR, S. e SRIDHAR, K. (1986) **Bridging the paradigm gap: second language acquisition theory and indigenized varieties of English.** World Englishes, vol. 5, n. 1, p. 4-14, 1986.